



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

MARIA MADALENA E A RESSURREIÇÃO DE JESUS: UMA PERSONAGEM CHAVE NO EVANGELHO DE JOÃO

Mary Magdalene and the Resurrection of Jesus: A Key Character in the Gospel of John

*Vinicius Rodrigues Pinto da Silva¹
Magno Lessa do Espírito Santo²*

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo analisar a perícopes apresentada por João no capítulo 20.1-18, tendo por foco a teologia joanina, e o contexto da revelação de Deus em Jesus. No entanto, a mensagem contida na ressurreição de Jesus pode ser mais bem compreendida quando temos algum conhecimento do cenário histórico daquela época. Veremos como a ressurreição influenciou a vida dos discípulos e, em especial, de Maria Madalena, a primeira evangelista da ressurreição. Cumpre destacar que a primeira testemunha da ressurreição foi uma mulher e, no primeiro século, o testemunho das mulheres não tinha peso jurídico. Assim, o relato, da forma que aparece, vai de encontro aos padrões da época, fato que indica que o Evangelho de João não teve por objetivo fraudar o relato da ressurreição de Jesus. Para tanto, o presente artigo usará mão a literatura disponível sobre o assunto.

Palavras-chave:

Evangelho, Maria Madalena, Ressurreição, Sinótico, Teologia Joanina.

Abstract:

This paper aims to analyze the pericope presented by John in chapter 20.1-18, focusing on Johannine theology and the context of God's revelation in Jesus. However, the message contained in the resurrection of Jesus can best be understood when we have some knowledge of the historical setting of that time. We will see how the resurrection influenced the lives of the disciples and especially Mary Magdalene, the first evangelist of the resurrection. It should be noted that the first witness of the resurrection was a woman, and in the first century the testimony of women had no legal weight. Thus, the account, as it appears, meets the standards of the day, a fact that indicates that the Gospel of John was not intended to defraud the account of the resurrection of Jesus.

¹ Graduado em História pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). Graduando em Teologia pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ). Especialização em andamento em Teologia Bíblica do Antigo Testamento pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Contato: rodrigues84.silva@gmail.com

² Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Especialista em Teologia do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR). Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICSH). Docente do Centro Universitário São José de Itaperuna-RJ (UNIFSJ).

Keywords:

Gospel, Mary Magdalene, Resurrection, Synoptic, Johannine Theology.

Introdução

O evento da ressurreição de Cristo, conforme narrado no Evangelho de João, confere importância a Maria Madalena. Ela é uma das personagens-chave que testemunham a ressurreição de Jesus. Porquanto, em João, Maria Madalena aparece junto à cruz de Jesus e, portanto, testemunha a morte de Jesus. Posteriormente, testemunha o túmulo vazio e depois a aparição de Jesus.

É importante salientar que, o testemunho de uma mulher não tinha validade jurídica no mundo hebraico do primeiro século. O Evangelho de João apresenta exatamente o que não se esperava, o testemunho da ressurreição na boca de uma mulher. Perceber-se, com isso, que o relato, como apresentado, não tem por objetivo fraudar a historicidade do fato.

O material apresentado no quarto evangelho distingue daquele apresentado nos sinóticos³ (Mateus, Marcos e Lucas), não por haver falhas de escrita, ou por omitir detalhes da vida de Jesus. O que fica evidente, é que os Sinóticos têm um olhar em conformidade, ou seja, "juntos". Para uma maior compreensão, Champlin diz: "... em contraste com o que se pode observar no evangelho de João, mas por causa do fato de concordarem entre si, porquanto veem juntos, em contraste com o material apresentado pelo evangelho de João"⁴. Assim sendo, o material bruto do livro não pode ser considerado Sinótico, no entanto, alguns relatos de João podem ser colocados em paralelo com os outros evangelhos, como é o caso da perícopre escolhida, a Ressurreição, que discorreremos no escopo da narrativa.

Diante disso, a proposta do presente artigo é analisar a perícopre de João 20.1-18, perícopre na qual está narrado o aparecimento de Jesus a Maria Madalena e, por conseguinte, o seu testemunho ocular da ressurreição de Jesus. Para tanto, o texto fará uma revisão bibliográfica do material disponível sobre o assunto.

João e os Sinóticos

É evidente a diferença textual dos evangelhos Sinóticos e os escritos de João. As narrativas sequenciais de Mateus, Marcos e Lucas seguem um padrão de estrutura peculiar, onde os autores apresentam o ministério terrestre de Jesus na Galileia, fato que em João, é distinto, pois o foco do ministério é Jerusalém.

Carson, Moo e Morris fazem o seguinte esclarecimento:

Mateus, Marcos e Lucas estruturam o ministério de Jesus de acordo com uma sequência geográfica geral: ministério na Galileia, retirada para o norte (tendo por clímax e ponto de transição a confissão de Pedro), ministério na Judeia e Pereia quando Jesus se dirigia para Jerusalém (algo não tão claro em Lucas) e o ministério final em Jerusalém. Essa sequência

³ O adjetivo "sinótico" vem do grego (*synopsis*), que significa "ver em conjunto". Griesbach escolheu a palavra devido ao alto grau de semelhanças entre Mateus, Marcos e Lucas e suas apresentações do ministério de Jesus. CARSON, D. A. MOO, Douglas J. MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 19.

⁴ CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*: V. 2. São Paulo, Hagnos, 2002.p. 251.

está praticamente ausente em João, evangelho que se concentra no ministério de Jesus em Jerusalém durante as visitas que periodicamente fazia a cidade.⁵

As diferenças apresentadas no tocante aos locais do desenvolvimento do ministério de Jesus são de suma importância para entender o paradoxo das narrativas dos evangelistas. Outro fator textual está ligado ao tempo, enquanto os sinóticos apresentam uma páscoa, João menciona pelo menos três (2.13; 6.4; 13.1) e provavelmente uma quarta (5.1).

O Evangelho de João contém mais detalhes de tempo e espaço a respeito do ministério de Jesus do que os sinóticos. João preserva com cuidadosa sucessão cronológica quase todos os detalhes que narra. Os estudos têm demonstrado que as referências de João à geografia e topografia são bastante precisas, sobretudo as relativas à Jerusalém e seus arredores.⁶

Ademais, enquanto os sinóticos finalizam a atividade de Jesus na Galileia e regiões próximas com uma única viagem a Jerusalém tendo como clímax a crucificação, segundo a narrativa de João, Jesus vai por três vezes da Galileia a Jerusalém (2.13-5.1; 7.10; em Marcos 11-15, a estada de Jesus em Jerusalém durou mais ou menos uma semana, já em João, Jesus permanece em Jerusalém e na Judeia de 7.10 em diante).⁷

Quanto à ausência⁸ de alguns eventos em João, Ladd diz: "O quarto evangelho deixa de mencionar importantes eventos encontrados nos sinóticos: o nascimento de Jesus, o batismo, a transfiguração, a expulsão de demônios, a agonia no Getsêmani, a última ceia, o discurso no Monte das Oliveiras"⁹. Os elementos textuais presentes nos sinóticos e ausentes no quarto evangelho não assumem um caráter de inferioridade ou de negligência; o que fica evidente são os pontos de vista e as fontes usadas para elaboração dos relatos. A teologia bíblica assume em João um caráter que foge da tradição. Isso se baseia na narrativa textual, pois, fica evidente a fé pessoal do autor, miscigenada com os ensinamentos de Jesus, e absorvida pela exposição teológica.

Ladd declara:

Uma diferença muito importante, intimamente relacionada à questão da teologia, é a do uso literário. A forma literária mais distintiva encontrada nos sinóticos é a parábola; e ali também há uma série de ensinamentos breves, vívidos e fáceis de lembrar, assim como pequenos incidentes ligados a uma declaração de ensino. Em João, o estilo do ensinamento de Jesus é o de longos discursos. Grande parte das parábolas foi substituída por discursos, e constata-se a ausência de pequenas declarações de caráter incisivo.¹⁰

Com isso o autor pretende fazer um relato sobre Jesus, distinto da narrativa dos sinóticos. Propositamente cita sete¹¹ milagres de Jesus, os quais não são chamados de milagres, mas de sinais. O objetivo é mostrar, além da humanidade de Jesus, porquanto o "verbo se fez carne e habitou entre nós", mas também destacar a sua divindade. O número sete, dentro da numerologia judaica, tem toda uma representatividade que aponta para os atos perfeitos de Deus. Logo, no Evangelho de João, vemos o autor, deliberadamente, escolhendo os milagres que seriam narrados, a fim de corroborarem com o que ele pretende mostrar: Jesus é Deus encarnado.

⁵ CARSON, D. A. MOO, Douglas J. MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 19.

⁶ BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os Evangelhos: Uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 208.

⁷ KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. 17.ed. São Paulo: Vida Nova, 1982. p. 252.

⁸ Algumas diferenças entre João e os sinóticos podem ser explicadas com base nos diferentes públicos representados no interior das narrativas dos evangelhos (BLOMBERG, 2009, p. 209).

⁹ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 325.

¹⁰ LADD, 2014, p. 325.

¹¹ 1) Transformação da Água em Vinho: 2:1-11; 2) Cura do Filho de um oficial do rei: 4:46-54; 3) Cura de um paraplético há 38 anos: 5:1-9; 4) Multiplicação de pães e peixes: 6:1-15; 5) Andar sobre as águas: 6:16-21; 6) Cura de um cego: 9:1-12 e 7) Ressurreição de Lázaro: 11:1-46.

Ênfases Teológicas

O grande debate teológico assume um caráter peculiar no quarto evangelho, uma vez que a narrativa sinótica tem como tema central o Reino de Deus - eixo da discussão. João assume uma interpretação dos ensinamentos de Jesus, que nos parece roubar a cena daquele contexto. Como expressar o pensamento Joanino, e elucidar o eixo da sua mensagem? Como identificar características de seus ensinamentos e dissociar da revelação do Reino futuro descrito nos sinóticos? Essa tarefa é um tanto interpretativa, uma vez que a ênfase Joanina, não está associada a uma mensagem de cunho escatológico, ou seja, na consumação dos séculos para se estabelecer o "Reino" em definitivo. Vejamos o que diz Ladd:

Entretanto, mesmo aparecendo poucas vezes nos sinóticos, a vida eterna é sempre uma bênção escatológica futura (Mc. 9.43, 45 e Mt. 7.14; 25.46), ao passo que em João a ênfase principal é sobre a vida eterna como uma bênção concretizada no presente (Jo. 3.36 além de outras passagens).¹²

Ademais, o dualismo presente em João elucidava um tempo em contraste, ou seja, presente e futuro, não como algo em conflito. Esse fio de tensão migra para um tempo presente, de acordo com Ladd: "Em lugar da tensão entre o presente e o futuro, encontra-se a tensão entre o acima e o abaixo, o céu e a terra, a esfera de Deus e a do mundo"¹³. Em João 8.23 diz: "Vós sois de baixo, eu sou de cima; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo". Muitos outros temas estão presentes em João, porém, para o escopo do presente trabalho, não será percorrido. Somente a título de nota um dos temas elucidados ainda faz parte do dualismo Joanino é a contraposição de luz e trevas, da carne e do Espírito.

Contexto Histórico

João testemunhou o desenrolar do ministério de Jesus nas cidades da Palestina, durante o curto período de tempo, em que o mestre inaugura a chegada do Reino de Deus. O desfecho dos milagres relatados nos evangelhos sinóticos, segundo Richards, corroboram para o pleno entendimento, ele diz: "Contudo, embora a identidade paralela de Cristo como Filho de Deus e Salvador seja afirmada e totalmente demonstrada através dos milagres e ensinamentos de Jesus que foram registrados, nenhum dos três teologizam os relatos"¹⁴. Sob essa perspectiva de relatos da vida terrena de Jesus, João nos convida a olhar Jesus como outra "pessoa", não como o salvador renegado em Mateus, o homem que executa a ação de Deus em Marcos, ou o indivíduo perfeito de Lucas - no quarto evangelho Jesus é diferente.

Richards faz o seguinte esclarecimento:

Quando começamos a ler o Evangelho de João, percebemos imediatamente que este relato é diferente. As primeiras palavras de João nos atraem para dentro dos mistérios centrais da fé, quando João nos desafia a olharmos tanto para trás quanto além do início - e a encontramos ali um Jesus que existe não como o suposto filho de um carpinteiro de Nazaré, mas como Deus, em forma distinta de Deus, embora esteja com Deus e seja igual a Deus.¹⁵

As informações sobre a vida de Jesus nos leva a entender o período em que o quarto evangelho foi escrito. A data provável, "de acordo com a visão tradicional, o apóstolo João, atendendo ao apelo de alguns de seus discípulos, escreveu seu Evangelho perto do sinal do

¹² LADD, 2014, p. 326.

¹³ LADD, 2014, p. 326.

¹⁴ RICHARDS, Lawrence O. *Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. p. 192.

¹⁵ RICHARDS, 2010, p. 192.

primeiro século, em Éfeso, na Ásia Menor"¹⁶ afirmam Köstenberger e Scott. De acordo com essa afirmativa, podemos entender que o evangelho foi produzido no primeiro século da história do cristianismo - levando em consideração que muito material estava sendo produzido, o escrito apostólico também é uma resposta a correntes de ceticismo (gnosticismo) que emergem nesse período de nascimento da "Igreja".

Köstenberger e Scott afirmam:

As fontes que foram a base desse Evangelho não consistem simplesmente no que se pode chamar de "tradição joanina" (um material independente da chamada "tradição sinótica"). O Evangelho de João se baseia, em última análise, no testemunho ocular de um dos principais participantes da história que culminou com a crucificação de Jesus e do respectivo relato (p. ex., 19.35; 21.24).¹⁷

Não há um consenso para a produção literária do evangelho, porém seguindo a proposta citada acima, podemos defender que o texto foi escrito no primeiro século da era cristã, em algum momento entre 90 e 100 d.C. Segundo essa perspectiva, a produção de João sucede eventos que marcaram o mundo antigo; por volta do ano 70 d.C., Tito Flávio destrói o Templo em Jerusalém; e por conseguinte, o gnosticismo¹⁸ surge como uma força opositora da mensagem de Jesus. João é a voz teológica que surge em resposta a tentativa cética dos opositores das "boas novas", logo, o caráter da mensagem joanina pulsa como um coração acelerado, fazendo percorrer sangue por todas as cavidades corporais. Essa metáfora faz parte de uma tentativa de explicar, que as verdades do Reino foram forjadas no pensamento de João, e reveladas a Judeus, Gentios, Romanos e Gregos.

Sob essa perspectiva, Richards "nos lembra que, em Jesus Cristo, Deus não só se revelou aos judeus como seu Messias, aos romanos como seu Homem de Ação ideal, e aos gregos como verdadeiro modelo de humanidade"¹⁹.

Richards faz a seguinte declaração:

Em Jesus Cristo, Deus se revelou em seu Filho, como absolutamente a única resposta para as necessidades mais profundas e universais de uma humanidade perdida. Em Jesus, a luz brilha e revela as trevas nas quais uma vez andamos. Através de Jesus, recebemos vida plena e dinâmica que quebra para sempre o poder da morte sobre nosso presente e sobre nosso futuro. Por Jesus somos finalmente capazes de medir a verdade e a falsidade. Com Jesus, o amor de Deus faz desaparecer animosidade que uma vez sentimos em relação a Deus e aos nossos semelhantes.²⁰

Analisar o contexto em que o Evangelho de João foi escrito se fez necessário a fim de compreendermos a sua proposta e objetivo, pois, assim, se elucida a intenção do autor de defender a divindade e humanidade de Jesus. No que tange a divindade de Jesus, a perícopes de Jo 20.1-18 demonstra morte e, conseqüente ressurreição como evento que marca visivelmente que o mesmo que morreu fora o que ressuscitou, em contraste com o que pensavam os gnósticos. Nesse ínterim, a testemunha desses fatos foi Maria Madalena.

¹⁶ KÖSTENBERG, Andreas J. SCOTT R. Swain. *Pai, Filho e Espírito: a trindade e o evangelho de João*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 33.

¹⁷ KÖSTENBERGER; SCOTT, 2014, p. 34.

¹⁸ Às vezes (e corretamente) descrito como um "angu teosófico" sem consistência, o gnosticismo brotou do dualismo neoplatônico que associava aquilo que é bom ao ideal, ao espiritual, e o que é mau ao material. Na plena expressão do gnosticismo, o redentor gnóstico vem à terra para àqueles que tem ouvidos para ouvir informações sobre as verdadeiras origens deles. Esse "conhecimento" [*gnosis*] traz libertação e salvação àqueles que o aceitam (CARSON, MOO e MORRIS, 1997, p. 180).

¹⁹ RICHARDS, 2010, p. 193.

²⁰ RICHARDS, 2010, p. 193.

João 20.1-18²¹

a) O sepulcro encontrado vazio

Segue a perícopes de João 20.1-10; no primeiro momento três personagens são apresentadas, a saber: Maria Madalena, Pedro e João. Pedro e João, após constatar que o corpo de Jesus não estava mais ali, retornam para casa, porém Maria Madalena permanece no local.

1. No primeiro dia da semana, Maria Madalena vai ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro e vê que a pedra fora retirada do sepulcro.

2. Corre, então, e vai a Simão Pedro e ao outro discípulo, que Jesus amava, e lhes diz: "Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram".

3. Pedro saiu, então, com o outro discípulo e se dirigiram ao sepulcro.

4. Os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro.

5. Inclinando-se, viu as faixas de linho por terra, mas não entrou.

6. Então, chega também Simão Pedro, que o seguia, e entra no sepulcro; vê as faixas de linho por terra

7. e o sudário que cobria a cabeça de Jesus. O sudário não estava com os panos de linho no chão, mas enrolado em lugar à parte.

8. Então entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: e viu e creu.

9. Pois ainda não tinham compreendido que, conforme a Escritura, ele devia ressuscitar dos mortos.

10. Os discípulos, então, voltaram para casa.

b) Aparição a Maria Madalena

No segundo momento, Maria Madalena se encontra sozinha no local e, nesse momento ela vê Jesus. A priori, o texto nos mostra que ela é incapaz de reconhecer que de fato se tratava de Jesus, porém "quando Jesus a chama pelo nome, ela o reconhece e passa da dor ao júbilo"²².

11. Maria estava junto ao sepulcro, de fora, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se para o interior do sepulcro

12. e viu dois anjos, vestidos de branco, sentados no lugar onde o corpo de Jesus fora colocado, um à cabeceira e outro aos pés.

13. Disseram-lhe então: "Mulher, por que choras?" Ela lhes diz: "Porque levaram meu Senhor e não sei onde o puseram!"

14. Dizendo isso, voltou-se e viu Jesus de pé. Mas não sabia que era Jesus.

15. Jesus lhe diz: "Mulher, por que choras? A quem procuras?" Pensando ser o jardineiro, ela lhe diz: "Senhor, se foste tu que o levaste, dize-me onde o puseste e eu irei buscar!"

16. Diz-lhe Jesus: "Maria!" Voltando-se, ela lhe diz em hebraico: "Rabboni!", que quer dizer: "Mestre".

17. Jesus lhe diz: "Não me toques, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus".

18. Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: "Vi o Senhor", e as coisas que ele lhe disse.

Prólogo

²¹ BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, Paulus, 2002.

²² SKA, Jean Louis. *O Deus, oleiro, dançarino e jardineiro*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 58.

A perícopa apresentada acima faz parte da narrativa da ressurreição e a aparição de Jesus - primeiro às mulheres, em especial Maria Madalena, logo após os discípulos. O evento da ressurreição transcende a percepção humana, devido o momento e o modo que esse fenômeno aconteceu. Esse é um mistério tremendo, pois, Jesus se apresenta de forma corpórea e se manifesta gradualmente aos seus discípulos. Os primeiros sinais de sua ausência são sepulcro vazio, lençóis e lenços abandonados. Tais fenômenos sucedem a ressurreição, e quando visto em forma corpórea, tanto a voz quanto seu corpo estão irreconhecíveis. A recente paixão deixou marcas em seu corpo, e nem mesmo a matéria glorificada foi capaz de apagar os vestígios da brutalidade romana.

As diferenças entre as narrativas de João e os sinóticos

Os evangelhos sinóticos registram a visita de diversas mulheres ao sepulcro (Mt 28.1; Mc 16.1; Lc 24.1), ao passo que João registra a presença de uma mulher, Maria Madalena (Jo 20.1). Ademais, vale destacar que os quatro evangelhos concordam em uma questão inicial, a visita ao sepulcro ocorreu no primeiro dia da semana, domingo. Posteriormente os cristãos dedicarão esse dia ao Senhor, *dies dominica / dominicus*, (domingo). Parece-nos justo destacar, que Maria quando chega ao sepulcro, *Vê* ou *Viu* a pedra removida. A ênfase repousa sobre o verbo *ver* indicando que a conjugação está no pretérito perfeito do indicativo, ou seja, ela *viu* antes da fala, usado para indicar uma ação que ocorreu num determinado momento passado.

No versículo 2 Maria anuncia aos discípulos que o corpo de Jesus tinha desaparecido. Os apóstolos João e Pedro, correram até o sepulcro. Possivelmente devido a sua idade, João chega à frente, contudo não adentra o túmulo vazio. Após a maratona, Pedro adentra o túmulo vazio e constata um fato a ser destacado, "*os lençóis no chão*" e o "*lenço ou sudário enrolado num lugar a parte*". Segundo Carson, Moo e Morris: "Ambos os discípulos viram os lençóis de linho, mas diferentes verbos são utilizados no grego em cada caso. O verbo mais forte, que implica a intensidade no olhar, é atribuído a Pedro"²³.

O lenço ou sudário foi mencionado por João na ocasião da ressurreição de Lázaro, e de acordo com o relato bíblico, podemos ter um vislumbre do *modus operandi* da ressurreição de Jesus. O texto diz: "o morto saiu, com os pés e mãos enfaixados e com o rosto recoberto com um sudário. Jesus lhes disse: Desatai-o e deixai-o ir", (Jo 11.44). O que fica evidente é que Lázaro obteve as mãos e os pés atados, e um lenço em sua cabeça, de modo que, na ocasião da sua ressurreição, o próprio não consegue se desvencilhar daquele "embaraço". Sobre o assunto vejamos o que salienta Champlin:

O lenço que tapava o rosto de Lázaro, provavelmente envolvia desde a testa ao queixo, pelas bochechas, mas deixando de fora o próprio rosto. Outros estudiosos também supõem que as amarraduras haviam sido postas frouxamente, e que o embalsamamento tenha sido feito com descuido, ou nem mesmo tenha sido feito. Porém, não podemos ter certeza alguma sobre qualquer desses pormenores. Porém, pelo menos o método egípcio de colocação de faixas deve ter sido usado, de tal maneira que Lázaro, com suas próprias forças, teria sido capaz de sair do túmulo, uma vez que a vida foi novamente infundida em seu corpo até então morto.²⁴

Dessa maneira, possivelmente Lázaro foi capaz de sair do túmulo, mas com suas próprias forças não foi capaz de romper as amarras, e tão pouco retirar o lenço de sobre sua cabeça. Fica evidente que na ressurreição de Jesus, o *modus operandi* segue um padrão diferente. Conforme mencionado acima, o discípulo quando adentra o sepulcro visualiza os lençóis no chão, e o lenço

²³ CARSON, D. A., FRANCE R. T., MOTYER J. A., WENHAM G. J. *Comentário bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1598.

²⁴ CHAMPLIN, 2002. p. 475.

enrolado num lugar a parte, de modo que, em caráter contemplativo, absorve aqueles sinais. A evidência que se tem é que o corpo não foi roubado, pois deixaram as "amarras" para trás. Sendo assim, a ressurreição de Jesus nos arrebatou os pensamentos, pois não sabemos como foi feito, o que temos são vislumbres. Sobre o assunto Champlin faz o seguinte esclarecimento: "...não houve nada de precipitado no que se seguiu a ressurreição. Sem pressa, ele 'Jesus Cristo' se livrou dos panos agora inúteis, dobrou o lenço que lhe envolvia a cabeça e deixou tudo em ordem".²⁵ Sendo assim, o *modus operandi* na ressurreição de Jesus é diferente da de Lázaro, pois o corpo do mestre assume novas capacidades e propriedades.

Nos versos 11 a 18 a história evidencia Maria Madalena, que no quarto evangelho aparece como figura proeminente na narrativa da ressurreição. Sobre o assunto vejamos o que salienta Champlin:

No presente evangelho de João, Maria Madalena ocupa o palco sozinha, o que mostra, de alguma maneira, a grande importância dessa mulher na vida do Senhor Jesus, algo que transparecia na sua devoção a ele, na sua lealdade a ele em face das perseguições de homens ímpios e desvairados. Também há algo de muito significativo no fato de que, após a sua ressurreição, o Senhor tenha aparecido primeiramente a ela.²⁶

Maria Madalena é a personagem que, em João, está presente no momento da morte de Jesus na cruz e diante do túmulo, na manhã da ressurreição. A sua presença junta à cruz, durante o sepultamento e na manhã da ressurreição, é fundamental para o Evangelho, visto que ela é uma das testemunhas-chave da fé na ressurreição, pois testemunhou a morte de Jesus e a sua ressurreição. Cumpre destacar que, o testemunho das mulheres não era considerado juridicamente válido nos processos no mundo hebraico do primeiro século. Assim, "a boa notícia da ressurreição, o evangelho da Páscoa foi proclamado primeiro pelas mulheres, e seu testemunho é a pedra angular de toda a fé pascal".²⁷

É inegável que Maria assuma papel de destaque na narrativa bíblica, e os versículos descrevem uma mulher aterrorizada diante do túmulo vazio. No verso 11 diz: (...) de fora chorando. Enquanto chorava, inclinou-se para o interior do sepulcro. Maria está diante de um problema, uma crise existencial, emocional, a ponto de ofuscar sua visão, a ponto de não reconhecer os dois anjos (v.12). A exposição de Maria muda sua percepção, pois mexe com o psicológico, a deixa paralisada, sem saber o fazer.

Champlin faz a seguinte declaração:

Ela 'Maria Madalena' estava tão absorvida em sua tristeza e em sua paixão que não ficou sobressaltada nem mesmo por aquela manifestação sobrenatural, a qual, em circunstâncias ordinárias, tê-la-iam aterrorizado; antes, encetou conversa com os anjos, como se tivesse falando com seres humanos.²⁸

Jesus aparece, porém não diante de Maria Madalena. Jesus aparece às suas costas. O texto diz que ela se voltou, ou seja, para descobrir Jesus, ela tem que se voltar para trás, agora, se encontra diante de Jesus e, assim, volta as suas costas para o túmulo. Realizou, desse modo, um movimento de 180 graus. Diante de si, está Jesus e atrás de si o túmulo vazio. Segundo Ska: "Esse momento assinala o novo início de sua vida: a morte está agora atrás e a verdadeira vida na frente. Abre-se um novo caminho de esperança quando Jesus lhe compreende que o túmulo não é o ponto final de suas esperanças".²⁹

A mensagem angélica, "Mulher, por que choras?" abre caminho para um diálogo que mudou o rumo da história. O encontro com o Mestre estava próximo! Ao se virar em direção

²⁵ CHAMPLIN, 2002. p. 631.

²⁶ CHAMPLIN, 2002. p. 632.

²⁷ SKA, 2001, p. 57-58.

²⁸ CHAMPLIN, 2002, p. 633.

²⁹ SKA, 2001, p. 59.

oposta ao "problema", Maria avistou Jesus, porém não o reconheceu; percebe que o corpo não é mais o mesmo, foi transformado em corpo incorruptível. Segundo Champlin: "Naquele instante Jesus a chamou pelo nome: Maria! e ela se voltou para ele e disse: Raboni!"³⁰, ou seja, Mestre. Ademais, vale ressaltar que *a priori* Jesus se manifesta como "Messias", na ressurreição se apresenta como Senhor (v.18), e quando se cumprir a plenitude dos tempos, Ele virá como Noivo (Mt 25.6). A "Igreja" de Cristo aguarda o retorno do nosso Senhor, e clama: Maranata, uma expressão de origem aramaica, que significa "vem Senhor" ou o "nosso Senhor vem".

Considerações finais

A narrativa de João sobre a ressurreição tem caráter peculiar, uma vez que o relato exalta a posição das mulheres no ministério terreno de Jesus. Jesus não escolheu por acaso, ou mesmo de forma aleatória Maria Madalena para compor a virada na história da "igreja". De acordo com os fatos apresentados no escopo desta análise, a reação de Maria frente a uma problemática pessoal se assemelha muito com o cotidiano do ser humano do século 21. Diante do túmulo vazio, Maria se esquece da promessa de ressurreição, e procura entre os mortos aquele que vive. É inútil pensar que comportaríamos de outra maneira, até porque, não sabemos lidar com as perdas. Em nosso pensamento, fraquejamos e nos deixamos levar por nossas emoções. No entanto, o Cristo ressurreto nos convida a novas experiências. Ademais, assim como aconteceu com Maria, ou seja, não foi ela que encontrou o Cristo, foi o Senhor Jesus quem a encontrou, esse é o evangelho, as boas novas de transformação.

Referências

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, Paulus, 2002.

CARSON, D. A., FRANCE R. T., MOTYER J. A., WENHAM G. J. *Comentário bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CARSON, D. A. MOO, Douglas J. MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo: V. 2*. São Paulo, Hagnos, 2002.

KÖSTENBERG, Andreas J. SCOTT R. Swain. *Pai, Filho e Espírito: a trindade e o evangelho de João*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

RICHARDS, Lawrence O. *Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Cpad, 2010.

SKA, Jean Louis. *O Deus, oleiro, dançarino e jardineiro*. São Paulo: Loyola, 2001.

³⁰ CHAMPLIN, 2002, p. 633.

BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os Evangelhos: Uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. 17.ed. São Paulo: Vida Nova, 1982.